

A maior tiragem de todos os semanarios portugueses

Ano III—Numero 114

Preço avulso 1 Escudo

12 Paginas

O DOMINGO

SEMANARIO
R. D. PEDRO V-18
TELF. 631-N. LISBOA

ilustrado

AGENTES EM
TODA A PROVINCIA
COLONIAS E BRAZIL

NOTICIAS & ACTUALIDADES GRAFICAS - TEATROS SPORTS & AVENTURAS - CONSULTORIOS & UTILIDADES



Uma grande jornada Sportiva
GLORIA A PORTUGAL!!

*Cliché de René Rets
da Agência Fotografica.*

Portugal tirou uma gloriosa desforra da França vencendo por 4 a 0 no ultimo desafio. A' direita o grande jogador francês Wallet, á esquerda o fenomenal jogador português José Manoel, um dos homens a quem principalmente se deve a grande victoria deste desafio.

Má Língua

A um «vigarizado»

Meu caro José Bruges de Oliveira: se quizer, conversemos um bocadinho. Eu, num banco. Você, numa cadeira, á sombra deste freixo... desfolhado.

Tem chovido em torrentes estes dias, mas com grandes clareiras estivas. Acolá, muito azul. Navens sombrias além... Nem frio, nem calor demais.

Li num jornal, a carta lamentosa [sem lhe achar o conteúdo extraordinário] em que dix por que forma habilidosa o levaram no «conto do vigário».

Você tem,—francamente, é ser creança!—essa franqueza ideal, de usos antigos, que leva a gente sem desconfiança a contar os projectos aos amigos.

Quando uma ideia lhe sorri, não trata de a guardar, avaro, para si; vai contá-la ao primeiro potarata que a cuve, a estuda, a apanha... e lhe sorri.

Veja se esse a quem disse o seu projecto com franquezas abertas e leaes não lhe recommendou: — «Seja discreto, ...sobretudo com gente dos jornaes!»

Se você lhe seguisse o ensinamento applicava o principio... ao camarada que se ia apropriando a seu contento da ideia que por si lhe era confiada.

Agora... não lhe aponto o ferro em brasa nem senções fribundas, applicadas ao cidadão, que só tem ferro em casa, — «nanja» ideias ou calças engommadas...

Que o livm sobre as endas bens Eolos ao paiz das estrellas... E em jornadas nos venham com frituras de mídos dez ou doze entrevistas estreladas...

Não encontrando outro varão mais forte a que arrimar-se por não dar um tombo, elle já diz que a America do Norte vai... seguindo as pizzas de Colombo!

(Cuido pois natural, antegzando immensas litterarias maravilhas, que elle primeiro vá, com passo brando, pizar brandas areias das Antilhas...)

Para a outra vez, quando você pensar, em ir á China procurar Confucio

AO TELEFONE



*ELA—A crecã fol-se embora, disse que tu foste malcreado com ela ao telefone.
—ELE—O «quê», não eras tu quem estavas ao aparelho?*

ECOS E COMENTARIOS

O papel

Por um atraso do vapor que nos trazia o papel alemão em que costumamos imprimir o nosso jornal, somos hoje obrigados a utilizar uma outra qualidade nacional, que, embora mais cara que a habitual, é evidentemente inferior. As nossas desculpas aos leitores.

Estetica e Indumentaria

Acabam de aprovar-se novos fardamentos. Policias, bombeiros e militares pensam, ao que parece, em vestir-se de novo. Nada mais legitimo.

O que, parece, devia succeder era que os novos fardamentos tivessem alguma originalidade ou alguma beleza. Officiais pela parte tecnica, está bem. Porque não um artista pela parte estetica?

Assim, arriscamo-nos a poder ouvir mais uma vez o comentario de certo ministro da guerra, a quem, depois de laboriosos estudos, apresentaram o desenho dum novo uniforme — copia do conhecido tipo bulgaro: — «Final, tanta coisa para uma «bulgaridade»!

Gente meuda

No largo de S. Mamede— que foi teatro da terrivel batalha revolucioaria do mcz passado, existe uma escola primaria. As creanças dessa escola, no tempo do recreio, brincam, é claro— ás revoluções. Ha um petiz esperto que costuma fazer de «Agatão Lança» e toma uma especie de comando geral.

Succede que ontem na refrega, se partiu um vidro da Escola. Ora como ali o «ditador é a professora, quando esta pediu contas, todos os meudes acorreram a responsabilisar o «Agatão» pelo desastre, e ele foi o «bode expiatorio». Moralidade da fabula:

As creanças são, em tudo, filhas... dos homens.

As estradas

Parece que não deveria haver nenhum portugês digno desse nome, que se não interessasse pela reconstrução da nossa rede de comunicações terrestres de via ordinaria. Segundo, porém, informações muito de respeito, alguns interesses se movem para que determinadas estradas se não arranjem, pelo menos já. Or, quê? Quem poderá ter nisso interesse? As companhias de Caminhos de Ferro, que veriam diminuir consideravelmente as suas receitas? Eis um caso interessante a averiguar.

se tem rombo o poder de desconfiar tenha paciencia, meu amigo, e guce-o

Quem tantas entrevistas tem forjado ou pouco menos, sem cuidado ou medo, é ferro subtilmente temperado; tem flexiveis tendencias de Tolêdo...

Faça-se esperto, e mau, e dúbio, e ruim... Siga na vida uma só lei:—o egoísmo. Quem quer viver, tem de viver assim nestes tempos de jazz-banditismo.

Sousa Lopes

No salão da Sociedade Nacional acaba de inaugurar-se uma exposição notavel. E' a do pintor Sousa Lopes, artista onde concorrem muitas qualidades para o tornar sobremodo notavel na nossa terra, onde, mercê da miseria da vida e da cultura, não medram as actividades do espirito.

Desenhador forte, aguafortista conhecedor do «metier» e pintor dum colorido exuberante e exponiãco, Sousa Lopes marcou nesta sua demonstração valiosa, tendencias para o neopressionismo. Daqui o felicitamos como um dos maiores valores da nossa pin ura contemporanea.

Pedro Bordalo Pinheiro

Jornalistas, escritores e artistas, reunem-se hoje para homenagear o nosso amigo Pedro Bordalo Pinheiro, e fazem-no neste momento para o desagrar de certa attitude dum estrangeiro e dum intruso. Embora desconhecamos a questão nos seus pormenores é com o maior prazer que nos associamos a esta publica homenagem ás brilhantissimas qualidades de trabalho e de intelligencia de que dispõe Pedro Bordalo, um dos nossos grandes animadores de iniciativas modernas.

Mulheres bonitas

O nosso presado colega «Diario de Noticias» acaba de lançar mais uma admiravel iniciativa que deve interessar todo o paiz. Trata-se de levar á America a mulher que represente a beleza e o tipo das portuguesas. Linda ideia!

E' preciso que a eleita tenha 25 anos e seja completamente solteira.

Depois é preciso que seja bonita, que seja séria, e que viaje com um «chaperon». O «chaperon» é... a «madre da cancionista», aquela embirrenta pessoa que empata tudo, que tem quatro olhos, e que ladra ao primeiro perigo. E' o contrario do «pau de cabeleira».

Quanto a nós—que não sabemos se a «Miss Portugal» é uma ovarina da Ribeira, uma dactilegrafa do ministerio da Agricultura ou uma menina dos telefones, limitamo-nos a dar um conselho sobre o «chaperon», que tambem deve ter o tipo portugês:

Opinamos pelos «chaperons» pesados, oxigenados, metro e dez de «carroserie» noventa e oito de peso, rez papceias, sinal retorcido no queixo e sendo possível uma miopia porta lil. Ir do assim acompanhada «Miss Portugal» não perderá o seu tempo.

Venha d'ahi. Ouve passar na estrada um borborinho meio musical? Venha ouvir. Cá na aldeia, a rapaziada ignora Schumann, mas não toca mal,

Nunca estudou solfejos, é verdade, e organiza concertos... nos caminhos; mas cá não ha, como ha pela cidade, a offliciva, a mort l sonoridade de orangotangos a tecar ferrinhos...

TAÇ)

ESTE NUMERO FOI VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

cronica da semana

UMA SEMANA DE «CHANCE»

A semana que findou foi uma semana de «chance». Uma autentica semana de capricho. Os portugueses bateram a França em foot-ball. Atravessaram o Atlantico em avião. Vencemos pelas ares. Tambem vencemos pelos pés. São duas vitorias que aumentam o nosso credito internacional.

Sarmento de Beires conquistou o Atlantico num vôo notavel. Jorge Vieira venceu a França com um pontapé formidavel.

O campeão da primeira «équipe» andou perto das estrellas. O campeão da segunda «équipe» obrigou os franceses a vêr as estrellas.

O primeiro voou sobre a bola do mundo. O segundo voou sobre uma bola de cautchu.

Ainda a ultima bola não tinha entrado nas redes francesas e já o «Argos» voava sobre as redes dos pescadores da Guiné—em direcção á costa do Brasil. E quando o juiz do campo clamou vitoria para Portugal, as azas serenas cruzavam entre o azul do mar e o do ceu, sob a protecção amiga das estrellas, com a prôa no cruzeiro do Sul.

E' a segunda vez que a simpatica constelação do hemisferio austral vê passar debaixo da sua varanda um passaro da nossa Raça.

Passaro romantico, que vais pelo azul cantando a tua serenata de amor, põe os olhos no ceu e vê como as estrellas choram, quando passa sob a sua pupila scintilante o eterno trovador enamorado que tem na Historia do mundo um nome: Portugal!

NORBERTO LOPES

O DOMINGO ILUSTRADO não mendiga favores a ninguem, e muito menos ao sr. engenheiro Avila de Melo. Escreveu á organização que levou a efeito o Portugal-França, solicitando a entrada no campo ao seu fotografo num legitimo direito, reconhecido em todo o mundo culto á Imprensa. O sr. Avila de Melo, que já havia sido descortez com outro nosso colega foi-o tambem com O DOMINGO ILUSTRADO. Apesar disso o nosso jornal orgulha-se de dar a pagina mais nitida e mais marcante de todos os jornais portuguezes, acerca do grande desafio de Portugal-França, registando a incorrecção de quem devia ter, pelo menos, uma cultura rudimentar e uma cortezia corrente.

NO RESTAURANT.



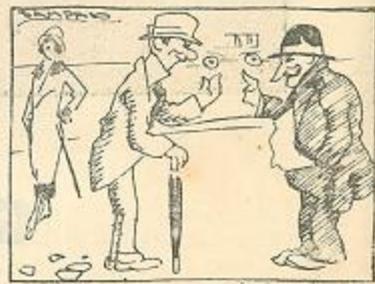
*—O' rapoz, aqui para nós a carne serve bem?
—E' esplendida.
—E o patão?
—O patão... está a jantar aqui no restaurant do lado...*

SERENIDADE



—O' senhor gatano, ainda bem que o encontro. Perdi a chave do meu cofresinho. Quere fazer o favor de m'o abrir...

ESPIRITO PRATICO



*—Então ella gosta de ti, tem vinte mil contos e tu não queres casar com ella? Porquê?
—Parece que não é muito forte em cozinha...*

HUMORISMO



Surpresas telefonicas

(Bem se vê que não tem nada que fazer. Pois a mim nem me sobra o tempo para me lembrar que tenho órgãos.)



E estou a vêr que o assunto não se esgota tão depressa.

—E tu, depois do cinema, onde foste ontem?

—A' Benard, tomar o chá; depois fui comprar uns sabonetes e aquele pó d'arroz que me indicaste. Efectivamente, não é mau.

—E os cigarros?

—Os abdules, silk-typed, bem apresentados. Mas tem muito opio.

—Eu tambem não posso, fico com a garganta irritada.

—A mim deu-me outro resultado. Uma rouquidão. Deve notar-se até ao teletone...

—Sim, já tinha reparado.

(E apezar disto não se calam; falar muito tambem não deve fazer bem. E esta então tem uma voz tão aflautada).

—E deves ter cuidado. Essas coisas de garganta são terríveis. Se fosse a ti deixava de fumar.

—Quem fuma desabaladamente é a mulher do Montalegre, a Aninhas. Parece um homem.

—Já a tenho visto a fumar cachimbo. E' demais não achas?

—Ela tambem é exagerada em tudo. Reparaste naquele vestido que levou á premiere do S. Luiz?

—E' verdade, que exagero!

—Que exagero e que falta de pudor. Aquilo nem era um vestido, era um decote completo.

—Sim, nem era bem um vestido, era um despidido.

—E depois, que presunção.

—Ela sempre foi muito tolinha. (Isto é que elas são umas para as outras. E agora começaram a falar de trapos, nunca mais param).

—Tola e intriguista. Não sabes o que ela fez este ano em Sintra, com as Gameiros?

—Não, o que foi?

—Supunha que já sabias. Ai! foi um escandalo. Não se falou doutra coisa. Lembras te daquele rapaz que andou a fazer-lhe a côrte muito tempo?

—Sim, tenho uma ideia.

—Pois este ano, como ele fizesse a côrte a uma das Gameiros, não lhe ligando nenhuma a ela, foi fazer uma tremenda intriga com o pai da rapariga, dizendo mal do rapaz, inventando coisas, enfim, colocando-o mal.

—Ela sempre foi dessas coisas. Mas deixa que as Gameiros não são melhores.

(Bem, temos sessão de má lingua. Agora é que nunca mais acabam. Estou capaz de desligar. Isto, pelo visto, ou melhor, pelo ouvido, estou a vêr que nunca mais tem fim).

—Sim, tambem tiveram aquela scena com a familia do Noronha.

—Ja reparaste que esses agora andam na grande? Automovel, grandes festas. O que seria aquilo?

—Ele tinha uns negocios de carvão.

—Sim, cheira-me a negocio escuro.

—Agora por carvão: Sabes que já mandei fazer o meu crayon. Ficou um esplendido retrato. Então os olhos, não imaginas! Que expressão! Está perfeito. O rapaz vai expôr.

—Pois eu ainda não tenho um re-



trato que me agrada. Fico sempre triste. Numa attitude pouco interessante. Depois, o meu cabelo é rebelde, não cai bem na testa.

—E mandaste arranjar o feltro? Como ficou?

—A côr é que não me agrada muito. E' escuro de mais. Como sabes, com a minha côr de pele dizem melhor os tons claros.

—Sim, tambem acho. A mim é o contrário.

(Bem se vê que estas senhoras não tem nada que fazer.

Afinal estouv aqui a perder o meu tempo precioso e nunca mais desligam. Decididamente daqui a pouco intervenho e protesto. Não ha direito de gastar um telefone em tais dialogos).

—E afinal, hoje o que fazes?

—Olha, á noite tenho a premiere.

—Vê lá se é peça que se possa vêr.

—Creio que sim.

—Mas de tarde que tencionas fazer?

—Olha, vou ao sapateiro, ver se me alargam aqueles sapatos claros que me apertam muito.

—E depois?

—Depois vou á manucure.

—Eu tambem estava a precisar, mas estou com receio de sair hoje.

—E o que fazes em casa? E' um aborrecimento.

—Olha, tenho estado a ler, toquei um pouco e talvez durma um bocado.

—Pois eu, se tiver tempo, ainda vou cortar o cabelo...

—Não costumavas ondular?

—Sim, quasi sempre...

(Mas no que elas se entreteem! No que elas gastam o tempo! Eu é que decididamente não estou disposto a esperar mais).

—Bem, então até amanhã.

(Ora, finalmente. Tambem já tinham razão para estar fartas de dar á lingua).

—Ou até logo; talvez ainda me disponha a ir tambem logo á premiere.

—Se fôres, avisa.

(Que grandes maçadoras. Primeiro que se decidam).

—Então está combinado... E olha é verdade, Manoel, não te esqueças que é amanhã ás 5 aquele celebre chá em casa das primas Silvas.

—O' filho, eu esquecia-me lá duma coisa dessas...

(O quê? E esta? Ora que pena eu não ter adivinhado que se não tratava de senhoras. Que final d'acto! E' caso para cair o pano; pelo menos para deixar cair das mãos o auscultador).

AUGUSTO CUNHA

A VIDENTE



—O senhor va l dar-se mal com sua mulher até aos 22 anos.
—E depois...
—Depois... habitua-se...

Pedi a ligação seguramente ha 3 minutos e não ha forma. Estas meninas! Já é de mais. E' irritante esta demora. E então agora que me faz tanta diferença. Parece de proposito. Já lá vão 5 minutos, com certeza. E nada.

Finalmente, parece que vai desta. Mau, temos novo contratempo.

Ligação mal feita. Mas parece que é tambem para lá que estão falando. O melhor é deixar-me ficar na bicha, para saber quando terminam. Tenho que ouvir esta conversa. Oxalá que não demorem.

—Mas hoje não saiste?

—Está um tempo pessimo. Quando chove ressinto-me logo. Ontem é que fui ao calista e á perfumaria.

—Sempre experimentaste aquele depilatorio?..

—Não dá resultado nenhum.

—Eu logo vi.

—Pelo contrario: deviam chamar-lhe antes elixir para o cabelo...

—Pois eu deixei de usar a loção que te aconselhei, porque dá cabo do cabelo todo. Se não compraste ainda...

—Não. Mas nesse caso vou comprar e emprego-a com o depilatorio, trocando-lhes os fins a que se destinam.

—Sim, tambem é boa ideia...

[E nunca mais acabam! No que estas senhoras se entreteem!]

—Já viste aquela fita de que ha dias te falei?..

—Vi ontem. Aquele rapaz é interessante. E que linha! Que «aplomb!» E depois que naturalidade!

—E um verdadeiro atleta...

—Esplendido. Corpo apolineo, bem musculado.

—Não viste a outra fita americana? Aquela scena do crime é perfeita.

—Sim, comeci a ver mas não cheguei ao fim.

—Muito impressionante! Um horror!

—Ai, eu não posso, por causa dos meus nervos.

—Tens razão, acabamos por vir num estado de excitação tremenda...

—Insuportavel. E olha lá, afinal o teu medico, o que te achou?

—Diz que não é nada de importancia. Nervos. Neurastenia. Que devo tomar uns tonicos.

—Era, afinal, impressão tua; eu sempre disse. Todos os órgãos se ressentem naturalmente desse estado de espirito; e d'aí esse mau estar geral.

NA CHINA



—Aquilo na China está cada vez pior...
—Mea Deus! Ainda subirá mais o preço do crepe da China?..

Curiosidades

SABER ESPIRRAR

Benigna em si, a banal constipação pode ter terríveis consequências. Segundo o Dr. Jacques Le Mée, é uma doença de micróbio, iminentemente contagiosa, e, que, muitas vezes, tem caracter epidémico. O espirro, reflexo ocasional e enérgico, que lhe serve de prelúdio, é o grito de alarme da mucosa em presença dum germen estranho. Por isso, é preciso espirrar discretamente, para evitar os perigos do contágio para quem esteja perto. Na corte de Inglaterra, no tempo da rainha Elisabeth, todo o cortejo que espirrava não tinha mais que fazer as malas e retirar-se.

Nessa época sabia-se que a constipação era uma doença contagiosa, precursora, por vezes, de terríveis doenças, como a meningite cerebrospinal. Já há muito mais tempo, mesmo, que se sabia isso, e até na Idade Média se usava—como ainda hoje—acolher o espirro com uma bênção («que Deus vos abençoe!»), isto é, exprimindo-se o desejo de que Deus preservasse o constipado de todas as complicações que uma constipação pode trazer.

A TRANSFUSÃO DO SANGUE DOS ANIMAIS

Alguns médicos ingleses, em 1723, imaginaram a transfusão do sangue dum animal para outro e estudaram os resultados das experiências em ovelhas, cordeiros, cães e cavalos, sem, contudo, ousarem fazê-la sobre o homem. Foi Jean Denis, Doutor da Faculdade de Paris, o primeiro a fazer essa operação. Tornou públicos alguns casos de curas, principalmente o dum jovem tirado duma profunda letargia pela transfusão do sangue arterial dum cavalo. Como consequência deste acontecimento, nove doutores da Sorbonne reuniram-se para discutir o método e consideraram-no «lícito», o mesmo dizendo outros médicos célebres, como Helvétius, primeiro médico da rainha.

Alguns acidentados infelizes e uma tese defendida na Escola de Medicina de Paris lançaram, porém, um tal descrédito sobre a transfusão, que o Papa e o rei Luís XV proibiram-no.

Foi em 1796, depois de vinte anos de pesquisas e de observações, que Jenner, médico inglês, tornando pública a descoberta da vacina (do latim *vacca*, vaca), demonstrou que o homem podia esperar muito dos animais, dentro do campo desbravado pelo grande Pasteur.

UM TIGRE DELICADO

No Jardim Zoológico de Londres há um jovem tigre fêmea, que faz o espanto e as delícias dos visitantes. É um animal muito dócil e deixa-se até acariciar sem que manifeste a menor resistência. Foi capturado nas selvas, quando apenas tinha uma semana de vida, pelo sr. Shooberto, empregado do Serviço civil nas Índias. O sr. Shooberto fez com que a sua cadela alimentasse o tigre recém-nascido, que foi crescendo em casa, na companhia da sua improvisada mãe.

Recentemente, o dono ofereceu a ao Jardim Zoológico, onde é o encanto de todos.

Cosulich Line

Agentes: — E. PINTO BASTO & C.ª L.ª

A procissão do Senhor dos Passos

HÁ uma semana, realizou-se, com a mesma discreta solenidade dos últimos anos, a procissão do Senhor dos Passos, a procissão lisboeta por excelência, que foi grande acontecimento na vida de nossos pais e avós e é nossa apagada recordação de infância.

Foi no ano de 1587, ou seja, há 340 anos certos, que Lisboa presenciou, pela primeira vez, o desfilar desse imponente cortejo que, entre damascos róxos, descia da igreja de S. Roque até ao convento da Graça. Daí por diante, continuou sempre a mesma cerimónia a realizar-se na segunda sexta-feira da quaresma, sendo a imagem do Senhor dos Passos levada, na véspera á noite, com grande simplicidade, para a igreja donde sairia a procissão.

A ordem da procissão era a seguinte: A' frente, ia um mordomo com a vara, guiando o cortejo; logo atraz seguia o pendão negro da penitência.

Vinha depois outro mordomo, antecedendo os três «irmãos» que conduziam o pendão rôxo. Em volta do pendão negro iam sempre muitos penitentes, com cilícios e tôda a especie de disciplinas. No alto do guião rôxo, tambem ladeado por penitentes, lia-se, a ouro, as quatro letras S. P. Q. R. Vinha depois tôda a irmandade, formando duas alas, com opas róxas e cruz no peito. Entre a irmandade e já perto do andor apareciam sete anjos, levando nas mãos os instrumentos da Paixão de Cristo: a verónica, os dados e martelo, cravos e torquez, o calice, a lança, a esponja e o título da cruz. Após os anjos, vinha a colegiada dos padres, e, a seguir a esta, o andor, todo de veludo rôxo guardado de ouro, conduzido por oito irmãos escolhidos entre os de primeira nobreza; ao primeiro varal do lado direito pegava, ás vezes, o próprio Rei. Ladeando o andor, apareciam doze irmãos com lanternas e dez com ciriaes. Depois do andor, seguiam mais padres com capas de asperges de veludo e damasco rôxo, e tambem assim ia o sacerdote que levava, sob o pálio, o Santo Lenho. A's varas do pálio pegavam os membros mais categorizados da irmandade. Tanto na quinta-feira, na ida para S. Roque, como na sexta, o andor devia estar recolhido antes do cair da noite.

Atravez dos séculos, a procissão conservou, mais ou menos, o mesmo aspecto de solene magestade, desaparecendo apenas alguns personagens já anacrónicos e ridículos, como o *trombeta* (que vinha á frente da procissão, fardado, e fazendo soar uma trombeta, como sinal de paragem) e os *farricócos*, embiocados em capuzes cinzentos, levando nas mãos caveiras e simbolos de penitência. Tambem, pouco a pouco, foi diminuindo o número e mudando o aspecto dos penitentes que, semi-nus, cobertos de vestes brancas ou cinzentas, se flagelavam rudemente, caminhando de joelhos, num sobrehumano esforço de humilhação.

A Família Real assistia ao desfile da procissão duma das janelas do palácio da Inquisição, no Rossio, e ia beijar o pé ao Senhor á igreja da Graça, na véspera da saída para S. Roque, e a esta igreja, pouco antes de sair a procissão.

O cortejo era sempre acompanhado por uma força militar; ao princípio, era um destacamento de granadeiros com tambores e pífanos; depois, eram soldados de infantaria, com música; finalmente, figurava na procissão uma companhia da Guarda Municipal, com a sua banda.

O percurso da procissão era o seguinte: S. Roque, Portas de S.ª Catarina, Chiado, Calçada de Paio Novais, Rua dos Escudeiros, Rossio, S. Domingos, Rua Nova da Palma, Mouraria, Rua dos Cavaleiros, Calçada de S.º André, Calçada da Graça; a partir de 1674, este itinerário sofreu uma pequena alteração, deixando de passar pela Rua dos Cavaleiros, nesse tempo muito estreita. Seguiu então pela Rua do Boi Formoso, [actualmente Rua do Bemformoso], Rua da Oliveira, Largo do Terreirinho, Calçada de S.º André, etc. Durante o tempo em que, por causa do terramoto de 1755, algumas ruas estiveram intransitáveis, a procissão seguiu pela Calçada da Glória ou pela Calçada do Duque, até ao Rossio. Em 1796, a procissão passou de novo a seguir pela rua dos Cavaleiros, agora já mais larga; em 1907, ainda houve uma outra pequena alteração no itinerário.

No trajecto da procissão, de S. Roque á Graça, havia sete passos comemorativos de sete scenas da paixão de Cristo. O primeiro era na igreja de S. Roque, ao lado do Evangelho, e representava Cristo, depois de sentenciado, caminhando para o Calvário, com a cruz ás costas; o segundo era numa capela no largo de S. Roque, e representava o Senhor caído por terra, sob o peso do madeiro; o terceiro era no Rossio e celebrava o encontro da Virgem com Jesus, nas ruas de Jerusalem; o quarto era na Mouraria e mostrava Simão Cireneu ajudando Cristo a suportar a cruz; o quinto foi no cimo da Rua dos Cavaleiros, depois na Rua do Bemformoso, e depois no Largo do Terreirinho, e representava a Verónica enxugando o rosto ensanguentado de Jesus; o sexto era no Arco de S.º André e mostrava Cristo pedindo ás filhas de Jerusalem que não chorassem por êle, mas pelos seus próprios filhos e pelos seus pecados; finalmente, já dentro da igreja da Graça, era o sétimo passo, onde se via Nosso Senhor crucificado entre dois ladrões.

A procissão que há dias se realizou na Graça só de longe se assemelha á que, durante séculos, Lisboa presenciou. No entanto, ela significa mais um elo duma velha tradição que tanto nobilita a irmandade do Senhor dos Passos e que, se Deus o permitir, jamais será quebrado.

O LOUREIRO NA ANTIGUIDADE

O loureiro simbolizava, entre os grêgos e romanos, o dom da profecia e do entusiasmo poético, o mérito e a virtude, a vitoria e a alegria. Uma corô de louro era concedida (e daí o nome de laureado) a todos os que recebiam prémio aos Jogos Pílicos; davam-na aos poetas, aos grandes oradores, aos generais vitoriosos. O feixe de varas dos magistrados de Roma, dos ditadores, etc., eram coroados de louro quando êles se haviam dignificado pelos seus serviços. Nas cerimónias de triunfo, os generais usavam o louro não só em volta da cabeça, mas na mão. Os mensageiros, encarregados de trazer notícias de vitória ou de sucesso, colocavam no na ponta da sua lança. Tambem com êle se ornavam as taboinhas com essas notícias e a prôa dos navios vitoriosos ou que partiam para qualquer gloriosa expedição. Quando tinha lugar algum feliz acontecimento, punham louro no limiar das casas, em sinal de regozijo.

A PRECOCIDADE DOS GRANDES HOMENS

Há muitas crianças prodígios que não cumpriram mais tarde as promessas que pareciam fazer. No entanto, muitos homens célebres deram prova, por vezes, duma extraordinária precocidade.

Dante compôs um soneto aos nove anos; Tasso, um pouco menos precoce, só escreveu os seus primeiros versos depois de já ter dez anos. Calderon começou a escrever aos treze anos. Victor Hugo só tinha catorze anos quando obteve, em concurso, a recompensa dos Jogos Florais de Toulouse. Byron era poeta aos doze anos; com a mesma idade, Pascal resolveu as trinta e duas proposições de Euclides. Aos onze anos, Mirabeau já escrevera um livro.

Musicos e pintores são ainda mais precoces: aos seis anos, Meyerbeer dava sessões públicas de piano; o caso de Mozart é conhecido; o de Haendel é o menos, mas sabe-se que aos treze anos já era autor duma missa. Aos treze anos, igualmente, Weber já tinha uma obra representada. Claude Vernet já desenhava maravilhosamente, com seis anos. Rafael começou a pintar aos sete.



Singer

Ultimos

Inventos

MAQUINAS ELECTRICAS PARA COSTURA, MOTORES ELECTRICOS DE FACIL APLICAÇÃO A TODAS AS MAQUINAS

EM LISBOA:

59, Praça dos Restauradores, 61 e em todas as filiais e agentes.

Boscan

esperado a 26 de Março

ANUNCIAR NO ÉCRAN LUMINOSO DO RÓCIO É FAZER UM ANUNCIO QUE TODA A LISBOA VÊ

O DOMINGO
ilustrado

TEATROS

CARTAS DE UM COMEDIANTE EM HESPANHA

Os teatros estão em crise,
mas não está em crise o Teatro

Um artigo de «La Nación»

A proposito da estreia de uma nova obra de Azorin, «La Nación» de 16 do corrente traz uma bem fundamentada ineditorial que nos parece de toda a oportunidade. E' sobre a eterna questão da «Crise Teatral»...

A análise segura de «Taf» tem amplitude bastante para se estender a outros paizes. Aproveitemo-la, transcrevendo as passagens que nos são mais precisas. «A arte teatral é manifestação demasiado séria e interessante da vida de um povo, para que seja olhada com desdém. A seguir à Imprensa, tem que ser considerada com o meio mais poderoso e eficaz de difusão de cultura.

«Estará o Teatro em crise? Não. Para que o Teatro numa nação não esteja em crise bastar-lhe-há produzir, num proporcional laps» de tempo, duas ou tres obras de culto. Quando se fala de Teatro hespanhol contemporaneo — de há seis, doze, quinze anos — e se citam os nomes de Benavente, de Marquina, dos Quintero... não se dirá que esteja em crise. Afortunadamente, o Teatro não está em crise. Os teatros é que estão em crise, o que é diferente. E porquê?

Primeiro, porque sobram teatros. Segundo, porque sobram actores. Terceiro, porque sobram comicos. E, apesar disso, faltam comicos, actores e teatros: comicos bons, actores que produzam calmamente e teatros bem organizados».

«Estamos cansados de assistir á estreia de obras insuportaveis, de ver más companhias e de não encontrar teatro com uma orientação segura, com um conjunto artístico o completo e com um quadro de actores que não lulem entre si por desalojar os colegas do cartaz».

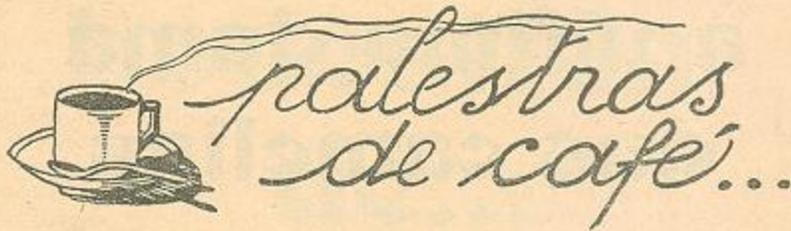
«Como os artistas escasseiam, apenas surge á luz da ribalta um rapazito que faz quatro comédias sem se enganar, vão logo buscalo para que organize companhia. E de que elementos se rodeia o Homemsinho? Dos que lhe seja inferiores porque se formar uma companhia boa, a sua «personalidade» desaparecerá».

«A competência, nos tempos que correm, tem uma unica expressão; estreiar. Todos os dias há estreias, de tudo e de toda a gente. São os colecionadores das «piadas» dos almanacks, os adaptadores das scenas respigadas de todas as obras, os que são incapazes de escrever uma carta com sentido comum... E o espectador sahe do teatro com as mãos na cabeça, jurando não voltar...»

Para se avaliar da importancia que em Hespanha se liga a estes assuntos, bastará dizer que «La Nación», a brilhante gazeta madrilenha com varias edições diarias, não hesitou em reservar o judicioso artigo de «Taf» para o «fundo» de quarta-feira passada.

O artigo de «La Nación» há-de ter calado no espirito do publico. Entre nós, a prosa de «Taf» embora trouxesse alguma assinatura autorizada não era tomada a sério, nem pelos proprios colecionadores de «piadas» de almanack nem pelos «jovens mancebos» aspirantes á celebridade...

CARLOS ABREU



Continuando...

NÃO é uma segunda carta... E' o prolongamento dum corpo de ideias, que não apareceram ainda em toda a luz da verdade e do raciocinio. O que ha a dizer sobre a crise do teatro, na parte que diz respeito a artistas, é muito — e muito claro. Nunca se viveu tão desordenadamente como agora. O actor não pertence á sua arte, pertence ao seu emprego. Este conhece teatro pelo rendimento da bilheteira. A's vezes conhece o tambem pelo valor puro dum rasgo, dum audacia, dum montagem scenica, que ultrapassa as fronteiras esqualidas do banal. Quando assim é, e o publico lhe volta as costas, não luta. Afirma que se enganou — enganando os outros e a sua profissão. A verdade é que os artistas não tem latitude para o ser. São meros artifices dum calendario, onde todos os dias se rasga uma data: se desfaz uma peça. A repetição é, pois, sistematica e obrigatoria. O processo estabelece-se. Enquanto lá fora uma peça dura seis meses, um ano, em Portugal dura seis dias ou um mês. O artista não tem, pois, tempo para realizar almas. Quando muito, realiza papeis... em branco. Torna-se um automato falante, um boneco de corda, que repete as palmas e, de vés em quando, abre os braços num mecanismo que tem tanto de enfatico, como de irritante.

Para ele a alma — é um excesso de psicologia que os criticos lhe infligem pedindo-lhe contas dum mundo desconhecido... Resvala-se, então, para o brilhantismo ilogico, que tanto se ajusta a uma comedia ligeira como a uma peça de projecção filosofica ou animica. Tudo passa, porque já estamos habituados, embora fosse facil comparar ponto a ponto o caracter duma figura com a sua interpretação.

Não se julgue que o mal é só dos artistas, isto é: da sua improvisação. Pertence tambem aos animadores do teatro. Temos ensaiadores, mas são poucos. Os seus processos são de escola — uma escola determinada, singular, que ficou para traz, no teatro moderno. O novo — assusta-os. Está fóra do sistema; portanto, tem de ser condenado. Mesmo que assim não fosse, os dois ou três que ha — não chegam para o teatro. A desproporção é enorme.

O virtuosismo antigo de dicção justa, de inflexão altiva, de composição característica, sem mascaras de exagero, desapareceram. Impossivel resuscitá-los para a exumação do teatro classico, nosso ou alheio. Regresso ao mais? Indecisão? A palavra impõe-se: *fixação*, por ausencia dum renovador impulsivo, audaz, violento.

O teatro é como a moeda: a inflação de papel quebra, divide, subdivide, fragmenta, volatiliza o valor das reservas metálicas. Mesmo que as haja, para algum dia, é bom reserva-las para a obra de depuração real e efectiva. E até lá — vamos transigindo... Mas que se saiba que não é por menos vizão, por menos impeto no ataque, — mas por esperança, ainda que fragil, num futuro que pode romper... As boas searas querem boa terra e boa semente. Seria um crime ceifar as espigas doentes.

E' por isso que a nossa foice anda tão enferrujada... Mas ninguem nos queira mal. Pode ser que essas espigas doentes arribem...

ARTUR PORTELA

cá por dentro

O grande actor brasileiro Leopoldo Frois formará companhias para o proximo verão, fazendo uma tournée á provincia e ás ilhas até Março. Consta que depois o mesmo actor se reunirá ao brilhante conjunto de Amelia Rei Colaço e Robles Monteiro, com quem irá ao Brasil.

— O illustre artista Alexandre de Azevedo irá em Maio com sua esposa em viagem particular ao Brasil.

— Volta a falar-se com insistência na organização duma companhia de teatro musicado, sob a direcção de dois autores muito conhecidos, a qual explorará o teatro popular, estreando no Porto.

— Foi muito comentado o facto do notavel actor Chabi Pinheiro, nas entrevistas dadas a jornais franceses, não se ter referido da forma merecida aos autores Ernesto Rodrigues, Felix Bermudes e João Bastos, verdadeiros mestres do teatro alegre português, e aos quais deve este actor a sua fortuna e a sua popularidade. Foi decerto um lapso dos jornalistas.

— Os escritores Francisco Lage e Luis de Oliveira Guimarães estão escrevendo para o actor Amarante um «vaudeville» sob o título «O Galo».

— Realizou-se com muito aparato a festa do estimadissimo secretario do Trindade, Costa Pereira, e vai realizar-se no Gimnasio a festa do antigo, muito conhecido e simpatico camarade Botelho do Gimnasio, que ha longos anos é um fiel amigo daquele teatro e conta inúmeras amizades.

"LINFATINA"

Nobre Sobrinho

BÉBÉS ASSIM só se obtém dando
TINA — Nobre Sobrinho. lhes a «LINFATINA»

DEPOSITO

Teixeira Lopes & C.ª Ltd.

45, Rua de Santa Justa, 2.ª LISBOA

Apolo **Olimpia**

Companhia Almeida Cruz. Teatro musicado onde figura a grande voz e o talento dramático do seu director. Repertorio de gosto popular e de valor. Teatro tradicional e querido da população lisboeta. Comodidade, conforto, modicidade de preços e um espectáculo alegre e artístico. Hoje e sempre: A Mouraria.

Direcção de Leopoldo O'Donnell, um dos mestres da cinematografia portuguesa e um dos industriais mais categorizados. Filmes de primeira escolha. As grandes produções europeias e americanas. Ultimamente grandes transformações na sala e dependencias, de forma a torná-la a preferida do publico.

Chiado Terrasse

O cinema da parte alta da cidade. O velho «Terrasse» agora arranjado de novo. O paço dos cinemas lisboenses. Ótimos filmes, sempre variados e para todos os paladares da publico. As grandes produções de aventuras. Preços em concorrencia. Amplissima e elegante sala.

| | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|--|
| Nacional A primeira scena dramatica portuguesa. A frente da qual está Alves da Cunha — o grande actor, o primeiro da sua geração. Adela Brazanchas, a comediante cujo nome dispensa elogios, e Berta de Bivar, artista cultissima e moderna, a acompanhando com Sacramento e Arraújo Pereira, mestre ensaiador. O mais forte repertorio moderno. Actualmente a grande farsa: «O Maluco das Avenidas Novas». Depois, «O novo idolo». | S. Luiz A unica grande companhia de opereta portuguesa, sob a direcção do nosso primeiro «metteur-en-scène» do teatro musicado, Armando de Vasconcelos. Grandes elementos como Augusta de Oliveira, Vasco Santana, Aldina de Sousa e baritone brasileiro Silvio Vieira, que tanto exílio já alcançou. A maior sala de espectaculos de Portugal. «Paganini», soberba montagem. | Politeama Trindade A mais bela sala de espectaculos de arte moderna. Uma companhia esplendida com os nomes de Lidia Silchini e Alexandre de Azevedo e Raul de Carvalho, no primeiro plano. Espectaculos da melhor arte. Repertorio escolhido e preferido pelo publico. Empresa do arrojado e antigo empresario Luiz Pereira. Actualmente: «O sr. dr. e seu marido». | Avenida A mais linda sala de espectaculos de Lisboa, com a companhia mais completa que possuímos. A grande Lucília, com Erico, Almada, Amelia Pereira e um formidavel grupo dramatico que está á altura do mais difficil repertorio internacional. As noites mais artisticas da capital e os espectaculos mais emocionantes de Lisboa. Actualmente: Robins-Alexandre. | Gimnasio Companhia Sarracina-Amarante. A companhia mais simpatica ao publico. Alem do Amarante — o maior creador actual de tipos populares, este conjunto conta elementos como Luiza Sannela, uma notavel actriz que renoua o encanto duma mocidade fresca ao «sic» parisiense da sua estile. Hoje e por enquanto todas as noites «O Bom Ladrão». | Eden O teatro mais moderno e mais europeu. A frente o nome glorioso de Amelia Rey-Colaço, Robles Monteiro e todo um conjunto de artistas disciplinados e com um passado de trabalho que assegura o exito desta companhia, boa em qualquer grande capital e unica em Lisboa. Espectaculos de comédias, alta-comedia e drama. Actualmente: «Actuações X. P. T. O.», «Milhões de Monty». | Variedades Companhia Maria Matos-Mendes de Carvalho, dois grandes nomes na arte dramatica; um formidavel repertorio de comedia, farsas e dramas. Exitos, «tournée» triunfais a atestarem o grande merito neste coajunio. Teatro elegante do Parque Mayer. Hoje e sempre: «O arroz doce». |
|---|---|---|---|---|---|--|

LISBOA • BRISTOL CLUB • DANCING

Ramiro Pinto & C.
146, R. AUGUSTA, 148
TELEF. C. 1646 - LISBOA
BANHEIRAS, ESQUENTADORES E ARTIGOS SANITARIOS
CANDIEIROS EM TODOS OS ESTILOS

NAQUELA noite... — deixem-me, á velha forma, começar assim. Está bem com a ingenua simplicidade deste caso lisboeta, tão ribeirinho, tão deste sol fino da borda d'agua, tão romantico na sua melodia suave de sol e dó baírrista.

Pois... naquela noite, Luiz e Maria encontraram-se no teatro, como sempre. Ia toda a azáfama duma noite de primeira, no Apolo, a imunda boceta da Rua da Palma, hoje embonecada e fresca, naquele tempo sordida, com o corredor escuro de quartel e aquele cheiro — mixto de pó de arroz barato e amoniaco de sentina a infiltrar-se nos tabiques dos camarins forrados de papel vistoso e recamados de fotografias e de recordações.

Corriam no desnível do palco os bandos esqueléticos das coristas seminuas, na rebusca das ultimas lantejolas, e paravam instantes ante o espelho da passagem. Havia, nos olhos cansados dos electricistas e dos carpinteiros de scena a vigilia dalgumas noites perdidas com a montagem das apoteoses velhas, e por toda a parte a dolorosa mentira do palco, embonecado em manchas de carmim ordinario e setinetas de algodão.

Luiz, o auctor, estava radiante. Tinha agrado o primeiro acto. O palco cheio de criticos e dos aficionados das primeiras, e dos outros revisteiros, que o abraçavam com o mais descolorido sorriso. Num momento fechou-se no camarim e cingiu-a por detraz. A sua boca fina sorveu-lhe um beijo na face morena e os dois amantes estiveram um momento juntos.

— Ai que me amarrotas toda — Luiz!
— Meu amor...

Mas foi, o contraregra chama-la logo — «D. Maria, — vai começar».

A *Bota de Cano* era uma loja pitoresca, da Lisboa do ultimo quartel do seculo XIX, na Rua dos Fanqueiros, no segundo quarteirão, como quem sobe ao Borratem. Vinha de pais para filhos, desde o tempo do senhor Rei Junot, e vendiam-se lá coiros afamados de Aljustrel e de Murça. Ninguem sabia melhor escolher por essas terras fora peles de saídes ou de estoiras, pelicas ou albardas, nem oferecer aos bons lavradores de Santarem e Vila Franca, em dias de romaria e de venda, cortumes ou pintas de preço.

— Era uma tradição naquela casa.

Serafim Pinheiro, hoje seu legitimo possuidor, nascera e fizera-se gente por detraz do balcão da *Bota de Cano*.

Quebrara a tradição seu filho Luiz. Nunca se afeiçoara á loja. E o pai não o contrariara tambem. Luiz Pinheiro seguira os estudos do Liceu e entrara na Medica.

Fôra sempre desses tipicos rapazes lisboetas, nervosos, com a sua fartura barata, habilidoso de mãos ao domingo, tocando de ouvido no bando-lim a ultima cançoneta em voga, frequentando na esturdia pacata as caixas dos teatros e tendo, desde quasi a adolescencia, aquela paixoneta viva, sentimental, um pouco doentia pelo seu ex-

a ultima dama das camelias

Pagina dum inexcedivel pitoresco e duma ternura bem portuguesa pela localisação e pelo descritivo dos personagens.

cesso de ternura transbordante — da Maria.

E foi depois, com essa afeição da rapariga, aquelas noites no «Magrinho» e no «Faz Frio», no delirio modesto duma «isca com elas», que lhe nasceu o interesse de escrever para o teatro. De escrever para a sua Maria; um numero que ficasse bem naquela boqui-



Os dois estiveram um momento enloçados...

ta pequena e vermelha, um fado em que ela vibrasse toda no seu corpiço roliço e moreno — o sonho das suas noites, a imagem que nos monotonos estudos da sua anatomia da Escola Medica lhe aparecia, a bailar nas paginas inspidas de Testut, a afugentarlhe a memoria dos nomes de ossos e musculos — outros musculos e outros ossos que não os da figurita amiga...

E deu-se então a distrair-se muito com o teatro. A sua cultura, o comentario pitoresco do café, o fiosito de sentimento do seu temperamento afectivo deram-lhe a primeira vitoria no teatro popular. Havia, no que saía da sua pena, alguma coisa que falava ao povo humilde e tocava de ternura o baírrismo meia-tijela de Lisboa. Um sucesso trouxe outro. Começou a deixar a Escola pelo palco e a preferir estudar ao vivo e na Maria os mistérios do corpo humano — sobretudo os

misterios desse capitulo sempre perturbador — «Chez la femme».

No primeiro andar do *Bota de Cano*, porem, as suas tendencias pelo teatro não tinham um eco acolhedor. Uma critica favoravel ou uma referencia espalhafatosa dos jornais punham no almoço de familia um travo de amarga frieza — e entre pai e filho abertamente, pouco a pouco, cavara-se um abismo de discordia.

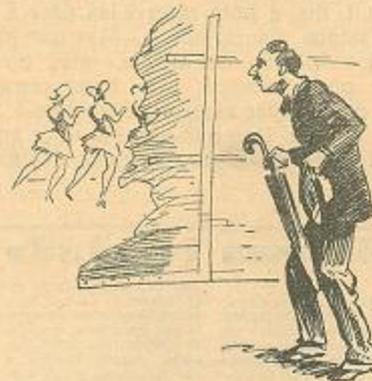
Não era de grandes scenas esta desidencia. Nem Serafim Pinheiro nem seu filho, tinham esse temperamento fogoso, vulgar aliás entre nós, e que acaba pela separação pura e simples, ou pela agressão violenta.

O pai sofria em silencio a amargura daquele desencaminho. Eram soturnas as refeições, onde a bondade da mãe não conseguia inscrever aquele traço de união e de simpatia, sem o qual não ha um lar nem uma familia.

E até a *Bota de Cano*, na tristeza da sua taboleta velha, batida dos ultimos invernos, parecia reflectir o monótono e doentio ambiente daquele primeiro andar antigo da Rua dos Fanqueiros...

Naquella noite... naquela noite, Serafim Pinheiro mandara pôr os tapais mais cedo.

Sabia bem das relações de Luiz com



Serafim Pinheiro procurou Maria no palco.

a Maria, e da vida de noitadas que ele levava no teatro — e decidira-se. Era preciso que essa mulher soubesse quem

era o seu filho. Ir lhe ia falar. Ir lhe ia pedir. Não se mostraria arrogante, não imporia — ao contrario, contar-lhe ia a verdade e a tristeza daquela vida perdida.

Ele conhecia um velho romance em fasciculos, onde um pai procurara uma mulher para ela lhe deixar o filho. Quem sabia se a vida se encarregaria de dar a mesma solução ao seu caso? E deixou, em direcção á Rua da Palma, a porta fechada da *Bota de Cano*...

O dialogo foi curto, imprevisto e simples. Ela estava no camarim:

— Eu sou o pai do Luiz...

— O senhor?!

— Sim. O Luiz perdeu por sua causa o seu segundo ano. Eu e a mãe não conseguimos dormir, com a vida que leva o meu filho. Até altas horas, esperamos, em silencio, a sua chegada. E' o unico filho que temos. O teatro — a senhora sobretudo — desencaminhou-me. O meu filho é a minha esperança!

Não lhe peço que m'o deixe. Peço-lhe que o deixe a si proprio. Se lhe tem alguma afeição deve compreender que na altura em que ele está do curso é um crime abandoná-lo. Um crime contra o seu futuro, contra a sua vida.

Se o que querem é casar — que casem. Mas que não abandone a carreira em que sempre sonhei vê-lo — e a senhora que venha para a sua companhia — e deixe isto. Tudo, menos o meu filho perdido em noitadas, a sua vida cortada, o choro e a tristeza da minha casa...

Uma manhã, em Santa Marta, consultei o dr. Luiz Pinheiro. Depois do tratamento, acendemos uma cigarrilha:

— Você nunca me disse como acabou aquilo com a Maria.

— Ora, meu amigo — como acabou tudo... Uma noite disse-me que tinha tido uma conversa com alguém que lhe mostrara a vida — um protector rico, e disse-me que não continuaria comigo. Tivemos uma discussão; agredia-a. Depois, fez-se um «cavaco» e eu desinteresei-me...

— Todas o mesmo! Mande entrar outro doente...



Aos amadores fotograficos de Lisboa e da Provincia

Como o *Domingo Ilustrado* muito brevemente vai passar por grandes transformações, que lhe permitirão inserir dezasseis paginas compactas de prosa e gravura, previne os amadores fotograficos de Lisboa e da Provincia de que publicará todas as fotografias de interesse geral que lhe enviem, as quais pagará segundo contratos especiais, bem como recebe desde já propostas para agencias fotograficas em qualquer localidade da Provincia, á excepção do Porto e Coimbra.

Perfumaria Ideal

Productos de beleza dos melhores especialistas. Perfumes a peso.

CABELEIREIRO DE SENHORAS E CRIANÇAS

113, RUA DOS RETROZEIROS, 113

UMA NOVELA SENTIMENTAL
COMPLETA

honestida- de...

*Novela dum nosso colaborador,
classificado no concurso de no-
velas, onde ha, alem de origina-
lidade, um caso que interessa.*

S EIS horas da tarde, dum mez de Novembro, durante a grande guerra.

As ruas da baixa iluminadas a jorros, pelos seus arcos voltaicos, ofereciam áquella hora o espectáculo mais interessante e movimentado do dia. As portas dos estabelecimentos, carruagens e autos esperavam as suas proprietarias, que naquella fim de tarde ainda escolhiam ou encomendavam toilettes. Nos pasteleiros chics o movimento não era menor, oferecendo as suas montras, brilhantemente dispostas e iluminadas, a atracção do agradável á vista. Começavam saindo os empregados dos varios escritorios e bancos, peçando os passeios e ergrossando a multidão dos que recolhiam. Os carros electricos eram tomados de assalto, numa ansia de chegar primeiro, em que venciam sempre o egoismo do mais forte e do mais agil.

—Tem aqui um logar.

—Ah!... E' você, Fonseca?... Como está?...

—Bem, obrigado, e você?

E Jorge Fonseca, cumprimentando, puxava pelo seu amigo Eduardo Moura, que se foi sentando a seu lado.

—Que prazer e que surpresa!... Há perto de trez anos que não o via; que tem feito você, Fonseca?

—O costumado, trabalhar, agora por minha conta. Soube, não é verdade?

—Não. Não sabia. Conte lá isso.

—Mas não tem nada que contar. Há perto de trez anos sai da casa Costa & Agro Ltd., arranjei um dinheiro, a epoca que atravessamos é propicia, um pouco de sorte... Aqui tem... Se lhe puder ser agradável. Alem de que me dará muito prazer a sua visita, não esqueça: Jorge Fonseca Ltd., Rua do Ouro, 540, 1.º.

—Está dito, lá irei.

—E você, falemos de si... Que tem feito? Ainda no Barata?

—Ainda e sempre a mesma coisa; a falta de iniciativa e de dinheiro, de dinheiro, sobretudo, mantêm-me no mesmo logar.

—Quere dizer, você mantém as posições conquistadas.

—E' como diz,—retorquiu Eduardo, sorrindo.

—Mas sabe, estas coisas obedecem mais a oportunidade que a dinheiro.

—Talvez...

O carro subia agora o Conde Redondo, na sua maxima velocidade. Jorge Fonseca mandava parar, e já no estribo, num sorriso de sinceridade, insistia: lá o espero.

—Sabes, encontrei hoje o Fonseca.

—Quem?...—O Fonseca, que foi meu colega no Costa & Agro.

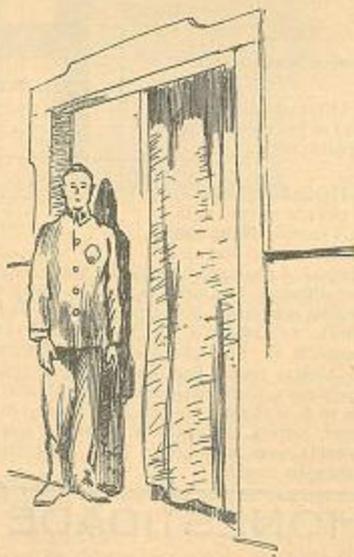
—E depois?

—Ah!... E depois... está muito bem, creio que rico. Ficou de ajudar-me... de ajudar, não é bem o termo... de guiar, talvez.

A creada trazia a sopa. A meza, muito alva, alegrava a vista na sua simplicidade. Nas paredes, bugigangas das Caldas da Rainha punham uma nota alegre nos seus estuques claros. O

guarda-prata e o aparador, scintilantes na luz dos seus espelhos, enchiam as pratas modestas que os ornamentavam de vida e cor.

Nos angulos da casa duas cadeiras de verga, a que o bom gosto de Eduardo tinha dado um outro aspecto, convidavam nos seus braços carinhosos a



O continuo, irrepreensivelmente fardado...

um doce repouso. O relógio, muito alegre, dava agora uma badalada. Sete e meia!...

—Parece que viestes mais tarde, papá?...

—Não, minha filha, os dias são mais curtos e depois parece-te mais tarde porque anoitece mais cedo. Não é verdade, Maria Luiza?...

—Decerto...

—Mas a mamã também já estava a dizer que tu tardavas.

—Afim, no que te vae guiar o Fonseca?

—Nos negocios, meu amor, agora todos negociam e nós bem precisamos de dinheiro. Não é verdade, minha Lólinha?...

A pequenita, uma linda morena de 5 anos, aventou, sorridente: Olha, papá-sinho, comprou-me uma boneca quando ganhastes muito dinheiro?...

Maria Luiza, seguindo uma ideia que

o obcecava, perguntou:—E o capital? E' o Fonseca que to empresta?...

—Mas Santo Deus... que curiosidade, nada sei; vamos a ver o que me diz amanhã.

—Mande entrar.

O continuo, irrepreensivelmente fardado, introduziu Eduardo num vasto gabinete de trabalho, onde tudo era ordem e riqueza sobria. Sobre uma grande secretária de madeira de carvalho uma redução em bronze dum ferreiro: mangas arregaçadas, olhar duro, parecia fitar num desafio os visitantes.

Jorge, levantando-se, cumprimentava Eduardo, pondo-o á vontade.

—Viva, como está você?...

—Venha para aqui, estamos melhor... e encaminhava-o para um canto do aposento, onde um jogo de maples, assente numa carpete de cores alegres, completava o mobiliario do luxuoso gabinete.—Você fuma?... E num gesto amavel, Jorge tirava a caixa de charutos do 'fumoir', oferecendo-os.

Eduardo, num movimento lento, como que a medo, acendeu o seu «bout d'or» e comentou:—Muito bem instalado, sim senhor...

—Nem por isso, meu caro. Assim:



Indigna-se então, mas... vagamente.

assim... Estas coisas são precisas, compreende.

—Pois tenho muito prazer em o ver e gostaria bastante em lhe ser agrade-

vel, e para provar a minha boa vontade, quando tiver algum pequeno negocio em que você se possa iniciar, falo-lhe para lá. Fica combinado... E Jorge, num grande á vontade, numa boa disposição confidencial, ajuntou:—Olhe, eu não tive quem me guiasse e comecei com menos... Faça ideia que ha tres anos o meu antigo patrão teve necessidade de ir a Londres; fiquei com a Caixa a meu cargo e todo o expediente. Você lembra-se?...

—Muito bem. Ha tres anos... exactamente.

—Pois um belo dia apareceu-me um negocio novo...

—Sei... um expontaneo.

—Isso mesmo, o patrão nada poderia saber...

—Evidentemente...

—Logo me ocorreu fazer-lo, carecia de dez contos num empate de quatro dias. O negocio era de duplicar o capital e portanto magnifico; seria um começo de vida... a fortuna talvez?...

—Como realmente foi, meu caro amigo.

—Sim, como realmente foi, mas... eu não tinha os dez contos. De repente lembrei-me que dispunha do dinheiro da caixa, o negocio era certo e o prazo pequenissimo. E... sem receios, sim devo-lhe dizer que fiz isto tudo naturalmente, sem sobressaltos ou dificuldades mentais, enfim, sem receios... realizei a operação, ganhando não dez contos como me esperava, mas doze.

—E aqui tem; o tempo e os bons negocios fizeram o resto... E Jorge, sorridente, corria agora a atender ao telefone poisado sobre a sua meza de trabalho.

Eduardo levantára-se, seguindo-o; não o queria importunar mais...

Solicito, o continuo abria num cumprimento a porta do gabinete, dando-lhe passagem.

Eduardo vinha agora jantar mais tarde, sempre preocupado, como alheado de tudo. A Lólinha extranhava muito o seu paisinho, que Maria Luiza não conseguia alegrar, naquella preocupação que o parecia devorar, ha umas semanas a essa parte. Proporcionara-se-lhe, enfim, ocasião de fazer um negocio, que não sendo expontaneo não fôra indicado por Jorge. Duma conversa com um amigo concluiu que poderia ganhar dinheiro comprando varios vagons de milho postos na estação de Caxarias. Deitou-se ao trabalho e em poucos dias conseguia fazer a sua venda a pronto pagamento; estava radiantissimo. Lembrou-se então de Jorge; faltava-lhe o dinheiro para a compra, doze contos. Jorge emprestar-lhe-hia essa quantia, mas porque não fazer como ele, sem pedir tão grande favor? De resto, ia dar-lhe o negocio arriscando-se a tudo perder.

Se ele recorresse também á caixa? De-mais, era por tão pouco tempo...

Nesse mesmo dia pagou os vagons. O tempo seco que fazia levava-o a crer que a mercadoria viesse em bom estado, tanto mais que os vagons viriam tapados com os respectivos encerados. Ao segundo dia, sem ter ainda o aviso

CONTINUAÇÃO NA PAGINA 8

VARIA

MOINHO DE PACIENCIA

CAS PALAVRUCRUCADAS

Secção dirigida por DR. FANTASMA

Nota importante. - Toda a correspondencia relativa a esta secção deve ser endereçada ao seu director e remetida para a RUA ALVARO COUTINHO, 17, r/c. LISBOA

SECÇÃO CHARADISTICA SOB A DIRECÇÃO DE JOSÉ D'OLIVEIRA COSME DR. FANTASMA

20 MARCO 1927

Numero Extraordinario

Apuramento do n.º 12 (3ª SERIE)

pesar se, num momento difficil, não lhes tivesse solicitado auxilio. -3-1

COLABORADORES

A Africano, agradecendo a gentileza

QUADRO DE DISTINÇÃO

Table with 2 columns: Name and Votes. Includes JAMENGAL (19 votes) and others.

DECIFRADORES

QUADRO DE HONRA

Table listing names of decoders and their contributions.

QUADRO DE MERITO

Table listing names of merit holders and their contributions.

OUTROS DECIFRADORES

JAMENGAL (8), PAUSANIAS (7), DOIS PRINCIPALIAES (6) VISCONDE DA RELVA (1).

DECIFRAÇÕES

1-AMOR, 2-aa, 3-denojar, 4-terso, 5-almadia, 6-impertoso, 7-cavalço, 8-cascão, 9-cacholeta, 10-zaranzando, 11-pellido, 12-embilhado, 13-apanhado, 14-canôa, 15-comporta, 16-picacéo, 17-tal-qual 18-carmona.

PRODUÇÕES MENOS DECIFRADAS

N.ºs 7, 10 e 16, de DITE, DROPÉ e VIRIATO SIMOES, com 16 decifradores cada uma.

DEDICATORIAS

EURISTO, MAMEGO, REI FERA e VISCONDE DA RELVA, decifraram o que lhes era dedicado.

CHARADAS EM FRASE

(A todos os confrades que se consiariaram para a minha derrota)

1 Não toquei de leve, sequer, os auxiliares onde bate a sol que cobre os tontaistas do 'Moinho'; mas nem por isso, fui enganado. -2-1

(Ao proficiente director do 'Moinho', agradecendo todas as suas atenções)

2 Então o senhor tambem faz parede com os demais para a minha derrota? Isso não é bonito, mas pode atenuar a gravidade da 'falta', dizendo-me quem é, e onde está escondido o chicote da conspiração. -3-1

(Aos neutros)

3 Se quem me livra de cuidados não é inimigo, não é amigo quem sinto pena de, alguma vez, me ter deixado em paz. -4-1

(Aos que repudiaram o consulo, agradecendo, muito reconhecido)

4 Se a 'Mamego' averigua de onde partiu a ideia de derrotar, não desçaça sem, com os seus adversarios, ter ajustado contas. -4-1

(Aos que desejavam a minha victoria)

5 Não recorra a nenhum dos confrades, mas, nem por isso, deixo de agradecer aqueles que sentiriam grande

6 Toda a mulher que não cumpre com os seus deveres por o marido ser pessoa de mau caracter, tambem é um mau caracter. -1-1

Ao distinto confrade Dropé, usando, do género imitado

7 Quando o confrade deduz pelo raciocinio o dicionario onde se verifica qualquer charada, ainda eu o não tenho inferido. -5-1

Ao campeão Édipo, agradecendo

8 O que me dá 'ralva' é não saber onde os campeões vão encontrar os termos com que se tem divertido á custa dos principiantes. -2-1

Ao illustre confrade Euristo, com muita admiração

9 Para decifrar os artigos desta secção vali-me de calepinos, onde há soluçao para todos os segredos escripticos. É por isso que se acham desgostosos os confrades, ou porque, nas horas d'fôrça, não lhes tenha pedido auxilio? -3-1

A Hote, ac nselhand-o a registar a firma, para evitar contrafacções

10 A 'Mamego' não succumbe facilmente, mas, a seu pesar, podia, desta vez, ter tido mau exito. -3-1

Ao exímio charadista Lord Dá Nozes, agradecendo e felicitationo-pela aquistição, recentemente feita, ao 'Candilho de Figueiredo, 3.ª ed.

11 Da críença que anda de um lado para outro á busca de logar onde faça travessuras, não se pode, ainda, dizer que ja tenha traquinado. -4-1

Ao meu distinto Orlando-o-Paladino, agradecendo

12 Se brilhei com o meu chapéu, tenho pena. Não me agrada ter dado nas vistas. -2-1

Ao primoroso charadista Raxalás, retribuindo

13 Se quem roga pragas é castigado, não tenho pena porque, rogando-as, tem manifestado o desejo veemente de que venha damnio a a'guem. -3-1

Ao habilissimo confrade Rei Fera, agradecendo a sua 'boa vontade

14 Ninguém contribui para a infelicidade de 'Rei Fera', mas, se assim fosse, não sentiria pena de o terem tornado infeliz. -4-1

Ao distinto confrade Vasco Dias, satisfazendo o seu pedido

15 A 'Mamego' não tem que replicar para, em qualquer occasio, sentir o pesar de o ver levado á parede. -3-1.

Agradecendo ao eminente charadista Viscond X

16 Um juiz não deita a perder, sem remorso, um homem qualquer, ainda que saiba ter o mesmo juncado o terreno de sangue. -3-1

Lisboa MAMEGO

NOTA IMPORTANTE

O director desta secção oferece um premio ao primeiro decifrador que enviar a lista completa e certa, das decifrações deste numero, para a sua residencia na Rua Alvaro Coutinho 17 (Aos Anjes).

CARTEIRAS, MALAS, PASTAS, CIGARREIRAS, BOLSAS PARA COBRE

Casa das Carteiras

RUA DA PRATA, 100

NÃO HESITE V. EX.ª

COMPRE UM GRAMOFONE

NA ANTIGA CASA LAMBERTINI

P. dos Restauradores, 63

TEL. N. 3171

As decifrações do problema hoje publicado devem ser enviadas, O MAIS TARDAR, até ao PROXIMO SABADO. A soluçao do problema do numero anterior sairá no proximo numero, bem como o QUADRO DE HONRA.

DECIFRAÇÕES DO N.º 112

HORIZONTAIS.—1 puro. 5 obuz. 9 searas. 11 abafas. 13 an. 14 aer. 16 gê. 17 rol. 18 almar. 19 uru. 20 as. 22 eis. 24 as. 25 apar. 28 olho. 30 azeo. 31 leve. 32 puas. 34 voar. 36 mi. 37 pia. 39 ir. 41 oca. 42 mésto. 43 ova. 44 cá. 47 al. 48 aração. 51 utopia. 54 oral. 55 iras.

VERTICAIS.—1 peiosa. 2 ua. 3 R. R. R. 4 oa. 5 ob. 6 bau. 7 uf. 8 zagrão. 9 sara. 10 s-lé. 11 aras. 12 séus. 15 emir. 21 gazão. 23 alvor. 26 pau. 27 rés. 28 oev. 29 héa. 32 p'caro. 33 viso. 35 rivais. 36 moca. 37 pero. 38 ateu. 40 ara. 45 eça. 46 còr. 49 ar. 50 ai. 52 fi. 53 pa.

PROBLEMA D'HOJE

Original do nosso exímio colaborador 'Foforonoff'.

HORIZONTAIS.—

1 pesada curva, agiota. 2 cabriço de um ano' ruído, influxo divino. 3 'Letra'. 4 conjunção, multidão, viagem sem rumo, discursal. 5 'Letra', ingratição (inv.), enraivecido, açor novo. 6 'Letra', 3 letras de furão, abrev. de nada (plur. inv.), 'Letra'. 7 'Letra', deposito de munições, nome de homem sem as 2 letras finais, Remoinho na agua (plur.). 8 conjunção, aliso, anagrama de coral, ana. rama de nico. 9 'Letra', agoiro (plur.) anagrama de tosaí, inspira. 10 periodo durante o qual está reunida uma assembleia (inv.), dê coices, de-gradação moral.

HONESTIDADE...

CONTINUAÇÃO DA PAGINA 7

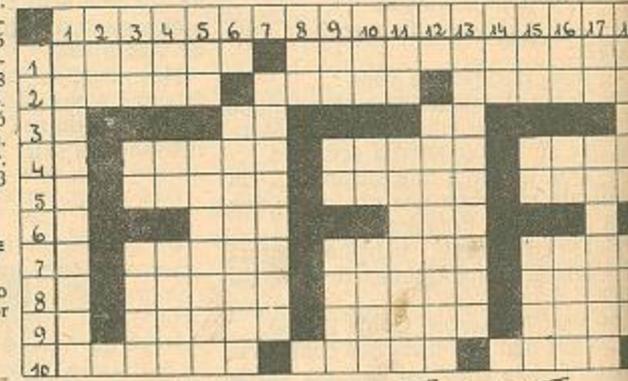
da chegada, começou chovendo. Informando-se nos escritorios da Companhia, disseram-lhe que havia muito material em todas as estações, razão por que demoravam mais as expedições. Durante dois dias choveu com intermitencias e quando, enfim, chegou a mercadoria, esta, já meia podre, foi rejeitada. Eduardo teve ainda que gastar dinheiro com o seu transporte para uma estrumeira, onde ficou. Tinha perdido os doze contos, que não eram seus, e todas as suas economias do 'ménage'. O fim do ano aproximava-se vertiginosamente; como arranjar o dinheiro tirado?...

Um dos socios da firma, individuo que só tinha uma qualidade—possuir dinheiro—emburrava muito particularmente com Eduardo; a sua inteligencia esclarecida incomodava-o. Foi ele que, não se conformando com o desfalque, deu parte á policia. Eduardo, jul-

QUADRO DE HONRA

DOIS TORREJANOS.

VERTICAIS.—1 o que se prepara e instrui antes de receber o batismo. 2 contr. da prep. com o artigo (inv.), 'Letra'. 3 suspenda! sedimento, 4 letras de farpas. 4 a mim (inv.), con (inv.), trabalho oculto (inv.). 5 rosca da serpente, ninfa do Douro. 6 preposição, fios condutores ligados aos polos da pilha electrica. 7 presa pequena (plu.). 8 contração da prep. com o



1927

F R N E

artigo, 'arugo'. 9 viracao (inv.), anda!, anagrama de pita. 10 2 letras de Dique, 2 letras iguais, prefixo latino. 11 contração da prep. com o artigo (francês inv.), raspar. 12 'Letra', combinação de iodios com peptona. 13 obstinado. 14 leccionei como professor (inv.), 'Letra'. 15 be-tráquio, insignificancia, febre que se repete de 8 em 8 dias. 16 instrumento, ouro (francês inv.), feixe (plur.). 17 2 letras de terso, matrimonio. 18 das musas, celebra.

gado, foi condenado a tres anos de cadeia, que cumpriu.

A mulher, nova e bonita, seduzida pelas propostas que a tiravam da vida de miseria que levava, aceitou, e hoje é amante de Jorge Fonseca.

Na Penitenciaria aprendeu um officio, ainda trabalhou por ele, depois, pouco a pouco, foi caindo na maior das misérias. Bebia, bebia sempre, cada vez mais, numa febre de atordoamento, de esquecimento, que tocava muito pela loucura. Agora é uma especie de farrapo, que os garotos perseguem continuamente. A's vezes ainda tem uma vislumbres de lucidez; é quando vê certo automovel, parado a uma porta da Rua do Ouro, que muito bem conheceu. Indigna-se então, mas... vagemente... nem ele sabe porquê.

UM HOMEM SEM IMPORTANCIA

SEMENTES PARA HORTA, JARDIM E PRADOS CHOCODEIRAS 'BUCKEYE' CASA DAUPIAS 29, RUA DO CARMO 31 - LISBOA

VARIA

Deibler, o carrasco

4 de Março, em Paris

filhos, e eu... sim, V. Ex.^a compreende... preciso cortar...

EM França ha um homem que mata e que morre por matar! Chama-se Deibler, mas chamam-lhe Carrasco. E está certo. Vi-o, de longe, em Versailles, quando decapou a cabeça de Landru; viu-o, de perto, ha dias, quando pediu aumento de salario. Assim o sr. Deibler, o famoso executor da Justiça que manda executar, queixa-se de que mata pouca gente. E se mata pouco, pouco ganha!

Os carneiros de La Villette recebem uma gratificação de cincoenta centimos por cada boi, vaca ou vitelo que mandam para o talho; Deibler passa um recibo de mil francos por

Quiz falar ao Sr. Deibler. Não houve maneira. O colaborador de Guillotin não concede entrevistas nem responde a quem se lhe dirige. É impenetravel, é mesmo duplamente carrasco: no officio e na cara.

Veste sempre de preto, não sei se por gosto, não sei se por ironia. Um servente do Ministerio disse-me: «É em sinal de sentimento pelas vidas que lhe ficam nas unhas.»

«Não senhor», acrescentou um colega, «é para esconder as nodos do sangue que espira do cutelo para as suas ventas.»

Garanto que estas frases são autenticas; e quantas se dizem mais deprimentes e mais insolentes! É que o Sr. Deibler não é um cidadão absolutamente livre como todos os outros.

Usa um pseudonimo para esc par á ironia da vizinhança e loge dos «boulevards» para evitar um encontro desagradavel; procura viver longe dos homens, assim como os «seus» criminosos procuram viver longe da policia. Empregado publico, e talvez o mais cumpridor dos seus deveres, o Sr. Deibler, na sua qualidade de «enviado extraordinario» do Ministerio da Justiça, tem despezas particulares ocasionadas pela missão official. A missão é tragica, é rapida: cumpre-se com o mesmo prazer com que o condenado fuma o ultimo cigarro. Mas, apoz o golpe, o matador tem peripicias que lhe consomem francos.

Enfim, o Sr. Deibler e os seus ajudantes—um muito gordo e outro muito magro—não devem declarar se em greve. O Sr. Poincaré, compreendendo que a vida do carrasco não é uma vida côr de rosa, vai dar mais dinheiro á equipe macabra. Foi com esta promessa, promessa de quem nunca faltou á sua palavra, que tomaram um taxi—uma despeza inevitavel para regressar ao domicilio, sobretudo á hora em que Paris domina o Metro. Porque, eu já disse, o homem da guilhotina foge da multidão como o demonio foge da cruz.

E esta manhã, quando li que o Tribunal de Versailles mandou cortar as cabeças dos celebres bandidos Barrère, Montfort e Motillon, disse para mim: «Deibler já ganhou o dia. São trez homens que não escapam «au baiser de la veuve...»

CARLOS ALBERTO FERREIRA

Tudo

Consegue. Rua do Sol ao Rato, 215, 3.º

Soutelinho & Fernandes, Ltd.

GRANDES ARMAZENS DE MOVEIS ESTOFOS, MAPLS, ETC.

143, R. EUGENIO DOS SANTOS, 145 LISBOA

TELEFONE C. 641

Casa Palissy Galvani GUILHERME F. SIMÕES, L.^{DA}

COLOCAÇÕES E reparações de campainhas electricas, telefones e pára-raios

LUZ ELECTRICÁ Depósito de todos os aparelhos da sua especialidade

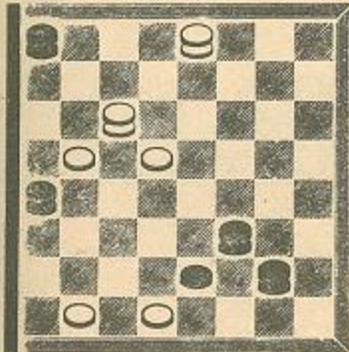
Freços sem competencia—Descontos aos revendedores

13, RUA SERPA PINTO, 15— LISBOA

DAMAS

PROBLEMA N.º 113

Pretas 4 D 1 p.



Branças 2 D 4 p.

As Brancas jogam e ganham.

Solução do problema n.º 112

| | Branças | Pretas |
|---|---------------|---------|
| 1 | 13-17 | 22-13 |
| 2 | 10-24 | 29-22 |
| 3 | 24-27 | 31-24 |
| 4 | 23-27 | 32-23 |
| 5 | 4-8 | 3-12 |
| 6 | 11-16 | 12-19-1 |
| 7 | 21-25 | 13-6 |
| 8 | 25-29 (D) | 18-9 |
| 9 | 29-18-27-20-2 | |
| | Ganha | |

Resolveram o problema n.º 111 os srs.: Armando Machado, Barata Salgueiro, Carlos Gomes (Bomfim), Mario Domingos Pereira, Paiz, (Arcos de Valdevez), Vitor dos Santos Fonseca,

O problema, heje publicado, foi-nos enviado por «Neulame» [Figueira da Foz].

Toda a correspondencia relativa a esta secção, bem como as soluções dos problemas, devem ser enviadas para o «Domingo Ilustrado», secção do Jogo de Damas. Dirige a secção o sr. João Eloy Nunes Cardoso.



Não queira ficar assim

Use a VITELINA VITERI, torne os seus cabelos fortes, abundantes, limpos e sedosos.—Frasco 8\$00.

Deposito: VICENTE RIBEIRO & C.^a R. dos Fanqueiros, 84, 1.º



Onde V. Ex.^a o seu cabelo com os FRIZADORES applicaveis ao frio, para cabelo comprido ou curto—Resultado que se obtém em poucos minutos. CUSTO: Cartão amarelo com 4 gancho; par. cabelo comprido 8\$00. Cartão azul com 4 gancho para cabelos curtos 8\$50. A' venda nas melhores perfumarias, armazens e casas do genero.

Adolfo Siret

RUA DE S. JULIÃO, 168, 4.º

LISBOA



M. DEIBLER

cada «racional» que manda para o cemiterio. No matadouro é a cincoenta centimos por cabeça de gado; na guilhotina é a mil francos por cabeça de homem.

Os emolumentos são escassos, não chegam para a venda da casa: cerca de trez mil francos por ano. Que miséria! As gratificações, sim, as gratificações é que enriquecem. Pois não é certo que Deibler teve um ano em que cortou vinte cabeças? Ah! Mas as coisas mudaram na gerencia da politica e do Elyseu. No tempo do Sr. Poincaré, implacavel para a canalha, homem condenado á degola era, salvo rarissimas excepções, cabeça no cesto da serradura. Hoje, Deibler, quando toma conhecimento duma sentença de morte, já não sorri como outrora; porque o Sr. Doumergue é Presidente da Republica e Rei da Clemencia.

Ora a generosidade do Chefe do Estado serve apenas para arruinar o bolso do chefe da maquina infernal. Pr. va-se, portanto, que ha bens que vêm por males: a felicidade dum bandido é a desgraça do seu algoz.

Eis porque o «Monsieur de Paris» veio chamar a atenção do Sr. Ministro das Finanças para a situação deploravel das suas proprias finanças. E, naturalmente, desabafou pouco mais ou menos assim: «Sr. Presidente! Estou arruinado pelos indultos do outro Sr. Presidente! Ora a vida está cara, tenho mulher e



Casa Palissy Galvani GUILHERME F. SIMÕES, L.^{DA}

COLOCAÇÕES E reparações de campainhas electricas, telefones e pára-raios

LUZ ELECTRICÁ Depósito de todos os aparelhos da sua especialidade

Freços sem competencia—Descontos aos revendedores

13, RUA SERPA PINTO, 15— LISBOA

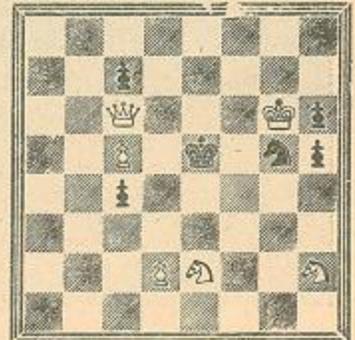
XADREZ

A correspondencia sobre esta secção pode ser dirigida á Pereira Machado, Oremio Literario, Rua Ivens, n.º 37

PROBLEMA N.º 114

ptlo conde A. de Salignac

Pretas (6)



Branças (6)

As brancas jogam e dão mate em dois lances.

Solução do problema n.º 113

1 D h 1-f 3

Resolveram o problema n.º 111 e 112 os srs. Nunes Cardoso, Maximo Jordão, Manuel Nunes e Rodrigo Machado.

Torneio de New-York.—Este torneio tomou um aspecto verdadeiramente sensacional. Capablanca tem se conservado á cabeça do rei sem o mais pequeno desfalecimento; Alekhine que de entrada foi prejudicado por duas derrotas (perdeu no 1.º round com Capablanca, e no 2.º com Nimzowitch) tem recuperado terreno dia a dia. Apoz a 11.ª sessão o quadro marcava: Capablanca 5 1/2 —Alekhine e Nimzowitch 7—Vidmar 5 1/2 Marshall e Spielman 4 1/2.

ESTÁ NEURASTENICO?

DISTRAIA SE COMPRANDO

«O DOMINGO ILUSTRADO»



Automobilista L.^{da}

160, Rua Alves Correia LISBOA

SEMPRE O MAIOR SORTIMENTO DE

ACESSORIOS PARA AUTOMOVEIS

Pronta execução nos pedidos da provincia

PREÇOS DIMINUTOS

END. TELEGRAFICO: AUTOMOBILISTA TELEF. 4218 NORTE

LISBOA • BRISTOL CLUB • DANCING

actualidades graficas

O grande acontecimento sportivo da semana

A VITÓRIA DE PORTUGAL SOBRE A FRANÇA



O 'keeper' francês Dhur, numa das suas melhores defesas.



Emocionante momento em que Jorge Vieira inutilisa uma perigosa avançada francesa.

PROCISSÃO DOS PASSOS EM LISBOA



A tradicional cerimonia esteve imponentissima na capital.

PROCISSÃO DOS PASSOS EM S. MAMEDE DE INFESTA



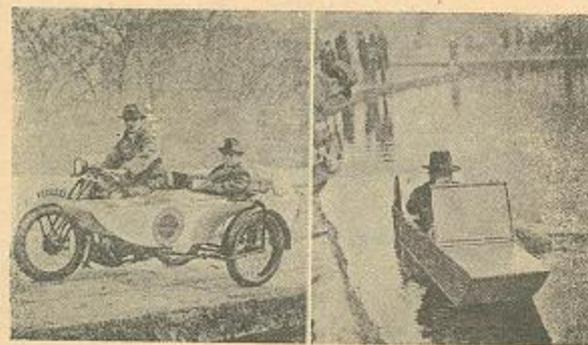
Constituiu um grande acontecimento religioso a comemoração do Senhor dos Passos.

O SPORT NO PORTO



Os 3 primeiros classificados do Cross Country da A. P. A.: Eduardo Leite (Academico), Manuel Silva (Porto) e A. Lopes (Porto).

UMA NOVIDADE DO MOTOCICLISMO



O side-car estanque, rapidamente desmontavel, que serve de pequeno barco de recreio, onde se instala facilmente um pequeno motor, para maior mobilidade e conforto.

PUBLICIDADE

Academia Scientifica de Beleza

A Toilete do rosto em 5 tempos

- 1.º—Lavar o rosto com PASTA D'AMENDOAS ORION 12\$50.
- 2.º—Refrrescar a pelle, limpar os poros, tonificar os musculos com a AGUA RAINHA DA HUNGRIA, 15\$00 a 20\$00.
- 3.º—Dar cor ás faces com FOUGE DE VIE IMPERATRIZ (liquido), 10\$00.
- 4.º—Aplicar CRIME RAINHA DA HUNGRIA que branqueia a pele, evita a formação das rugas, dando-lhe um aveludado, encantador. Amostra 2\$00. Pote 10\$00 e 15\$00.
- 5.º—Polvilhar o rosto com o FÓ D'ARROZ RAINHA DA HUNGRIA, que sendo muito leve e não sendo oleoso, deixa respirar livremente a pele sem obstar os poros. Amostra 2\$00. Caixa 1\$00.

Na sua massagem e para deimir use o CRIME VELPEAU, 15\$00.
Se fizer a sua toilette tres dias com estes productos, reconhecerá que está mais nova, que a sua pele tem frescura, transparencia e um aveludado incomparavel.

OS PRODUCTOS RAINHA DA HUNGRIA podem ser usados por senhoras ou cavalheiros que tenham a pele seca ou normal; se a pele é gorda e luzidia, usa os productos de ACACIA, se tem os por. a dilata dos, usa os PRODUCTOS CIVETTE, e se tem pêlos usa o DEPILATORIO ELECTRICO RADICAL, que os tira para sempre.

Se tem imperfeições na pele, de qualquer natureza, aplique a MASCARA DE BELEZA que lhe tira a pele em oito dias:—E' O PROCESSO MAIS RAPIDO E MODERNO DE REJUVENESCIMENTO. Mostram-se pedaços de pele tirados com a Mascara, a quem desejar vê-las.

Tem rugas? tire-as com os PRODUCTOS ELECTRICOS-MIRABILIA.
Se tem sardas ou manchas na pele use o tratamento VILDIZIENNE.

Escreva hoje mesmo e peça o catalogo gratis, enviando 1 escudo para resposta. Peça em toda a parte os productos da ACADEMIA SCIENTIFICA DE BELEZA que foram premiados com o GRAND PRIX na EXPOSIÇÃO DO CENTENARIO DO RIO DE JANEIRO e outras exposições a que tem concorrido a



CASE O MELHOR, MAIS SOLIDO E ECONOMICO TRACTOR DE RODAS



Ad Electro P. D. 218—Also furnished in 3 columns

As mais altas recompensas em todos os concursos em que tem entrado. CHARRUAS GRAND-DETCUR. 2, 3, 4 e 5 ferros cu discos para todas as applicações. Estes tractores podem adicionar debulhadoras respectivamente de 1m,67—1m,22—1m,37. TRACTORES E CHARRUAS PARA ENTREGA IMEDIATA. Em exposição modelos 12x20 e 18x32 HP, com as correspondentes charruas. Representante para Portugal:

DUARTE FERREIRA & FILHOS

(Engenheiros) TRAMAGAL

Filial em Lisboa: AVENIDA PRESIDENTE WILSON, 17 a 25

Academia Scientifica de Beleza

Directora: — MADAME CAMPOS

AVENIDA DA LIBERDADE, 25-A — LISBOA

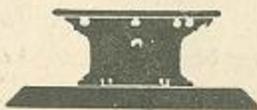
FOGÕES ECONOMICOS!!

350\$



ASSA GRELHA COZE FERVE E MÃO SUJA

SEM FUMO SEM CHEIRO SEM CINZAS



EM 12 PRESTAÇÕES MENSUAES

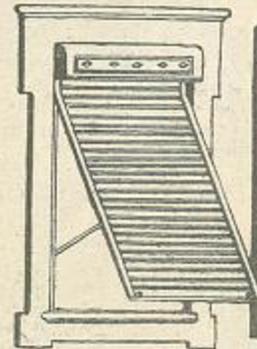
CADO GAZ VER AS NOSSAS MONTRAS RUA DA BOA VISTA 35

ESTÁ MAGRO? TEM FALTA DE APETITE?
SENTE-SE FRACO?

TOME LICOR "IBERIA"

FARMACIA ULTRAMARINA

99—R. S. Paulo—100



STORES GELOSIAS

Os mais perfeitos e mais baratos.

Unicos que resistem ao sol e á chuva.

Encomendas rapidas na

RUA MARIA ANDRADE, 11

LISBOA

COOPERATIVA DOS ESTOFADORES E DECORADORES

Preziada na Exposição do Rio de Janeiro em 1908 com a medalha de prata

Sociedade de Responsabilidade Limitada

ENCARREGA-SE DE TODOS OS TRABALHOS EM ESTOFO, TANTO EM NOVO COMO REPARAÇÕES E BEM ASSIM PINTURAS E ENCERAMENTOS DE CASAS ARMAÇÕES, TAPETES, OLEADOS, MOBILIAS POLIDAS, MOVEIS DE FANTASIA, PAPEIS PINTADOS, ETC.

PREÇOS MODICOS

31, Calçada da Estrela, 33

LISBOA

Telefone T. 39

Telefone 1094 N.

FUNERAES
SIMPLES
e LUXUOSOS

SERVICÓ PERMANENTE

MARIO AUGUSTO DA SILVA MILHEIRO

134, RUA DOS ANJOS, 133
LISBOA TELEF. 1094 N.

Telefone 1094 N.

LISBOA • BRISTOL CLUB • DANCING

A maior tiragem de todos os semanarios portugueses

O DOMINGO

ASSINATURAS

CONTINENTE E HESPAHHA

ANO - 48 ESCUDOS -

SEMESTRE - 24 ESC -

TRIMESTRE - 12 ESC -

ilustrado

ASSINATURAS

COLONIAS

ANO, 52x20 - SEMESTRE, 26x10

ESTRANGEIRO

ANO, 64x56 - SEMESTRE, 32x18

NOTICIAS & ACTUALIDADES GRAFICAS - TEATROS, SPORTS & AVENTURAS - CONSULTORIOS & UTILIDADES



A continencia do Chefe de Estado á bandeira dos Bombeiros

Momento solene em que o General Carmona, e as altas personalidades militares saudam os gloriosos bombeiros lisboenses representados no seu simbolo.